

# A INDÚSTRIA DE PAPEL E A EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA NA VILA FABRIL DE CUBATÃO

VIRGÍNIA MARTINS DE SOUZA CARAM\*

## RESUMO

O presente trabalho trata sobre a importância da preservação da Cia. Fabril de Cubatão, uma das primeiras indústrias instaladas na cidade de Cubatão-SP, do ponto de vista da análise da instalação de suas construções sobre os remanescentes da antiga Fazenda Itutinga, mais precisamente sobre as ruínas do Engenho Cubatão de Cima, do séc. XVIII, o que confere à área um importante registro da Fazenda do Cubatão Geral, formada pelos jesuítas, que corresponde à área de formação da cidade; a evolução da paisagem desde as Sesmarias doadas por Martim Afonso de Souza até os dias atuais; e o perigo da demolição para utilização como pátio de containers.

## PALAVRAS-CHAVE

Indústria, engenho, ruínas, paisagem, preservação, pátio de containers, tombamento.

## ABSTRACT

This paper is about the importance of the preservation of the Cia. Fabril de Cubatão (Cubatão's Manufacturing Company), one of the first factories to be installed in Cubatão, SP, when analyzing its constructions over the remaining of the old Itutinga's Farm, to be more precisely, over the ruins of Engenho Cubatão de Cima (Cubatão de Cima's sugar factory), from eighteenth century, that brings to the area an important record about the Fazenda do Cubatão Geral (Cubatão Geral's Farm), made by the Jesuits and corresponding to the area that started the city, the evolution of de landscape since the Sesmarias donated by Martin Afonso de Souza until today and the danger of a demolition to become a container courtyard.

## KEY WORDS

Industry, mill, ruins, landscape, preservation

\* Arquitecta e Urbanista, graduada pela FEBASP, Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1986). Especialista em Preservação do Patrimônio Arquitetônico pela UNISANTOS (2003). Assessoria Técnica. Conselho de Defesa do Patrimônio de Cubatão, Conselheira.

## I. INTRODUÇÃO

Os estudos a seguir se iniciaram da necessidade em atestar pelo Tombamento da Vila Fabril de Cubatão. Tratando-se de um complexo de casas da vila operária, mais os prédios em fachada *art déco*, na beira da Rodovia Anchieta em Cubatão, que já vinha em processo de tombamento pelo CONDEPAC desde 2006, porém concluído em 2012, em regime de urgência após o fechamento da fábrica, depois de inúmeras tentativas em recolocar suas atividades num plano financeiro satisfatório. As negociações seguintes partiram da possível transformação do conjunto construído num pátio de containers, o que levou a diretoria do CONDEPAC, presidida por Rubens Alves de Brito, à busca de soluções junto ao Ministério Público.

Em conjunto ao arqueólogo Manoel Gonzalez, representante do IPHAN na cidade, deu-se início a uma requisição de proteção do bem, alegando o fato de o local estar inscrito no IPHAN, como área de proteção arqueológica, devido a rumores de existência de sambaquis no local, e lembrando o fato de ter sido alvo de pesquisas do geógrafo Aziz Ab'Saber.

Sendo requisitada para a elaboração do Inventário para Tombamento da Vila Fabril e levantando questões relacionadas à metodologia a ser seguida, lembrei acerca de digressões apontadas em pesquisa anterior relativa ao Restauro da Igreja de Nossa Senhora da Lapa em Cubatão, obra na qual participei em coautoria com Athea Palladino, em 2007, em que já expunha a tese de que a sede das terras do primeiro sesmeiro Antonio Rodrigues de Almeida seria a mesma de Dona Josepha Ferreira Bueno, personagem que Afonso Schmidt aponta em sua utopia Zanzalá, contando o caso de uma senhora de engenho, dona de escravos que viveu “lá para as bandas do Cubatão de Cima” nos idos de 1830 e que é submetida em sua casa e torturada em pagamento aos “devidos cuidados”, o que ficou registrado na memória dos contadores de sua época. A obra foi publicada originalmente em 1929 em fascículos, no Jornal O Estado de São Paulo (Zanzalá, cap. VI, Os Caborés. 1949).

Para a elaboração dos estudos e inventário para tombamento da Vila Fabril, optou-se então por aprofundar as pesquisas desenvolvidas anteriormente quanto às antigas ocupações do sítio em questão, tendo como ponto de partida o mapa de Francisco Martins dos Santos, onde se observa a interposição da localização da V. Fabril sobre as demarcações Sítio Cubatão de Cima e Fazenda Itutinga, no sentido de comprovar a existência de remanescentes arqueológicos resultantes das sedes dessas ocupações (CARAM, Martins, 2007. *Viagem da Lapa ao Cubatão*. Obra ainda não editada).

## 2. REFERÊNCIAS HISTÓRICAS

Uma das primeiras indústrias instaladas na Cidade de Cubatão, a Cia. Fabril de Cubatão teve o início de sua construção em 1914 e foi fundada em outubro de 1919.

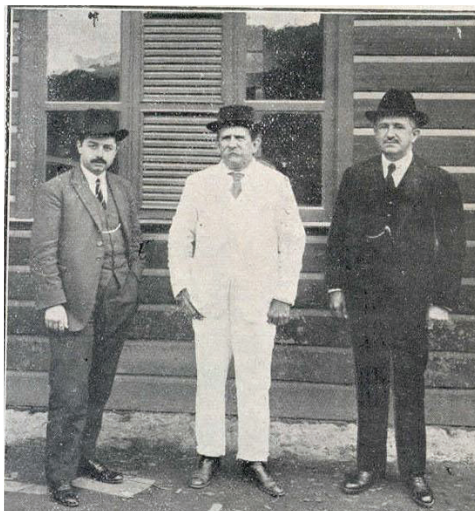


Foto 01: Diretor Gerente da Cia Fabril de Cubatão, Dr. Paulo Vicente de Azevedo, o Diretor Técnico, Lindolfo de Freitas, e Theodomiro Uchôa, Diretor Presidente da Companhia Fabril de Cubatão<sup>1</sup>

Fonte: ROCHA, 1922.

A existência de terras mais baratas na área rural de Santos – mesmo com a valorização causada pela construção da adutora no Rio Pilões, pela City of Santos Improvements, que saneou e abasteceu a cidade de Santos acelerando seu processo de crescimento e industrialização, privilegiada com a riqueza das quedas d’água, importantes para a instalação da indústria e geração de energia elétrica – e a existência de uma vasta área de matéria-prima aliada à proximidade dos trilhos da Ferrovia favoreceram a escolha do local onde se instalaria a terceira grande indústria de Cubatão.

Com o louvável intuito de não ficar dependente de terceiros, dispoñdo para seu uso de força eléctrica própria (sic), resolveu a Companhia Fabril do Cubatão adquirir, o que fez, diversos lotes de terrenos, situados nas cabeceiras dos rios Branco e Cubatão, obtendo o título de propriedade, do Governo do Estado. (A CIGARRA – set. 1922)

Adquirida pela Companhia Santista de Papel em 1932, vigorou até a Segunda Guerra Mundial quando, devido ao racionamento de combustível, procedeu a um grande desmatamento na encosta da Serra para o funcionamento das caldeiras. Em 1947, investe no plantio de eucalipto na área desmatada, porém lograda pela inviabilidade do projeto devido ao ataque de pragas e terras inadequadas para esse plantio.

<sup>1</sup> Três empreendedores (Paulo, Lindolfo e Theodomiro) se destacaram na empreitada de investir numa grande indústria, monopolizando a fabricação do papel, que cada vez mais era procurado devido ao crescimento da publicação de jornais, revistas, livros e papelão para embalagens de todo tipo, apostando no crescente consumo de informação e desenvolvimento econômico e industrial e intelectual do país. Sendo que Lindolfo de Freitas foi o responsável pelos estudos e explorações da área notando a abundância de espécies fibrosas ricas para a produção da celulose.

Em 1967 é vendida para a Ripasa S/A, e em 2004 é adquirida pelo Grupo Votorantim e Suzano, vindo o fechamento da indústria em 2012.

A partir do início da década de 1990, iniciam-se as demolições de casas de sua Vila Operária devido ao adiantado estado de deterioração das construções já desocupadas. Em 2004, são demolidas mais 18 moradias. De 1949, com registro de aproximadamente 146 moradias, nota-se em 2004 a existência de 40 restantes refletindo na ameaça de perda total de um importante Patrimônio Histórico da cidade de Cubatão, responsável por uma grande parte de sua história e de seus habitantes.

### 3. A IMPLANTAÇÃO DA CIA FABRIL DE CUBATÃO

Sua implantação deu-se em terras ocupadas desde o séc. XVI por ocasião da concessão das sesmarias por Martim Afonso de Souza “para fazer Engenhos no Cubatão”. A Sesmaria de Antonio Rodrigues de Almeida foi adquirida em 1556.

Os descendentes de Antonio Rodrigues entram em demanda com o descendente de Francisco Pinto, o qual havia recebido em 1533 a concessão da sesmaria vizinha tendo como divisa o Rio das Pedras. Em 1643, desgastados com o resultado favorável a Antonio Pinto, Lopo Ribeiro Pacheco e sua mulher, Dona Maria de Almeida Paes, doam a sesmaria de seu avô Antonio à Cia de Jesus.



Mapa 01: As primeiras Sesmarias no Cubatão. Fonte: FERREIRA; PASSERANI. *Cubatão: A Rainha das Serras*. São Paulo: Ed. Noovha America, 2005.

Vários fatores apontam a localização da sesmaria com as terras depois denominadas Cubatão de Cima e Fazenda Itutinga.

Até 1743, os Jesuítas da Cia de Jesus já haviam adquirido, por meio de doações, compras e permutas de todas as terras ao longo do Rio Cubatão, interessados no monopólio da passagem do Porto Geral, que interligava

Santos ao Planalto; terras estas que vieram a formar a Fazenda do Cubatão Geral. Porém, foram perseguidos pelo Marquês de Pombal, que há tempos se incomodava com o poderio da Cia de Jesus e os acusa de conspirarem contra o Estado. Pombal então comanda a sua expulsão de Portugal e suas colônias, bem como o confisco de seus bens em 1756.

As missões passaram para os funcionários do Governo, e as capelas viraram paróquias. No processo que se seguiu à expulsão dos jesuítas, o Governador da Capitania de São Paulo, D. Luís Antonio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, fez baixar uma portaria ordenando ao Dr. Juiz de Fora da Vila de Santos que fizesse o inventário da fazenda do Cubatão. (PIRES, 2005)

Os mananciaes do Rio Pilões (sic), com toda a Fazenda Cubatão Geral, de que eram parte componente foram incorporados ao domínio da Coroa de Portugal, hoje Domínio Nacional...Os mananciaes do Rio Pilões, se não tivessem reentrado, para o domínio particular em 1786, estariam ainda incorporados ao próprio nacional Fazenda do Cubatão Geral, do domínio privado da União Federal...

Os mananciaes do Rio Pilões saíram do domínio nacional e foram incorporados ao domínio particular do Sargento-Mór Antonio Manoel Fernandes da Silva, “ex-vi” da arrematação em hasta pública, em 1786, dos três imóveis ruraes- Moenda, Casa de Pedra e Queiróz;

Os mananciaes do Rio Pilões passaram desse arrematante para a propriedade de sua viúva D. Josepha Ferreira Bueno, como parte integrante do já denominado genericamente Sítio Queiróz, e desta passaram por sua morte à sua filha Maria Josepha da Silva Bueno a título hereditário; desta última passaram em 1840 para o domínio da família Fonseca Leite; desta ao de diferentes sucessores até chegar ao domínio privado de José Caballero. (BRAGA, 1910)

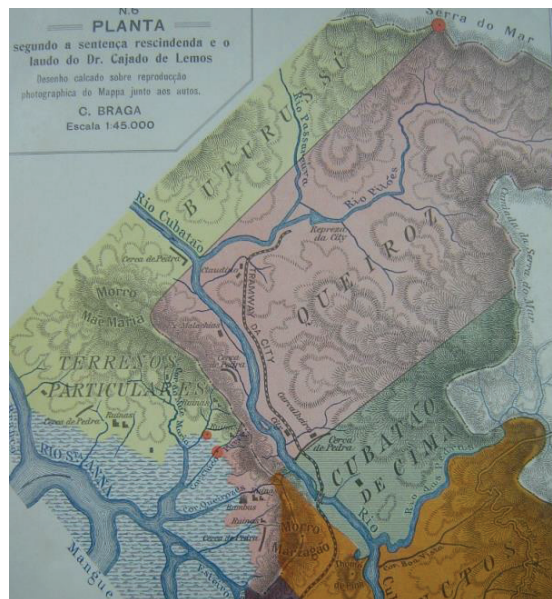
A casa de Dona Josepha manteve-se no lado esquerdo do Rio Cubatão, muito embora tenha recebido o nome devido à área primitiva do Sítio Queirozes, junto ao córrego de mesmo nome. Com o tempo, toda a área adquirida, ou seja, as terras designadas de Moenda e Casa de Pedra, tomam o nome de Sítio Queirozes.

Uma determinada faixa de terra desse sítio maior delimitada entre o Rio Pilões e Rio das Pedras foi desmembrada do Sítio Queirozes no ano de 1829, quando aparece pela primeira vez a designação de Sítio Cubatão de Cima, adquirida dos filhos de Dona Josepha por Miguel Francisco do Couto e Antonio Martins dos Santos. Em 1835, vendido a Agostinho José de Carvalho, em 1858, vendido a Koselitz e a Henrique Joseph, e em 1859 é adquirido por Geraldo Henrique Muniz Brunckenn, avô de Afonso Schmidt.

Perímetro do Sítio Cubatão de Cima desmembrado do Sítio Queiroz:

Sendo os limites da parte da Serra pelo cume em cima da serra, dividindo-se a parte de leste, a quem do rio Cubatão com terras nacionaes dos extinctos jesuítas (sic), pelo córrego denominado Rio das Pedras e além do rio Cubatão pela fralda do outeiro chamado Thomé de Pina, ao pé do qual tem uma lagôa permanente seguindo também um córrego permanente, que corre sob o pé do morro denominado Marzagão, cujo córrego serve de limite pela parte de sudoeste, e pelo outro lado se divide com terras dellas outorgantes, pelo logar denominado - cerca de pedra - que principia na margem do rio e segue pelo matto dentro em direcção a serra até o cume e na mesma direcção além do rio até o sopé do morro que fica fronteiro à Serra, compreendendo-se nos declarados limites a vargem que destes for pertencente, o qual sítio assim confrontado, etc. (BRAGA, 1910)

Este estudo abrange preferencialmente essas duas faixas de terra entre os Rios Pilões e das Pedras, onde se insere a implantação da Cia Fabril de Cubatão, quais sejam o Sítio dos Queirozes e Sítio Cubatão de Cima, mais propriamente à margem esquerda do Cubatão, tendo, os dois, prolongamentos em sua margem direita.



Mapa 02: referente à implantação da Fábrica. Fonte: BRAGA, 1910.

### 3.1 O sítio dos Queirozes

“O sítio dos Queirozes onde se localizava Pilões, foi ganho por José Caballero pela posse de bilhetes... de uma rifa beneficente que ficou a seu cargo passar.” (PIRES, 2005)

Porém, com a criação da City of Santos Improvements em 1880, em Londres, com a finalidade de sanear a cidade de Santos que passava por uma série de epidemias, as terras de Caballero são as escolhidas como as melhores por atender à qualidade das águas do Pilões, e a sua capacidade de vazão suficiente para suprir a demanda da região.

É assinado um contrato com Caballero, no qual este cedia em que um caminho fosse aberto em suas terras até as cachoeiras do Pilões, para a construção de uma linha de bondes para transporte de pesado material de cimento e canos de ferro, na construção de uma represa para captação das águas, sendo que antes de a água correr pelos canos deveria ocorrer novo acordo estabelecendo o valor a ser pago como indenização, porém depois de algum tempo a City entra com processo requerendo os mananciais do Pilões como terras devolutas do Estado, como forma de se esquivar ao pagamento de indenização pela utilização das águas e das terras. Segue então uma demorada demanda na tentativa de defender suas propriedades, que durou mais de dez anos, onde Caballero ganha em todas as instâncias, porém somente após sua morte, com as terras já herdadas pela Santa Casa de Misericórdia de Santos, dá-se a conclusão da trama com a sentença da Ação Rescisória convocada pela Fazenda do Estado.

A última sentença é também favorável a Caballero, representado pela Santa Casa de Misericórdia, e foi firmado um acordo entre as partes, em que a City foi obrigada a pagar todas as despesas da demanda judicial, as dívidas de José Caballero, os legados instituídos de seu testamento e o pagamento de cerca de quinhentos contos de réis à Santa Casa (PIRES).

São indiscutíveis, porém, os benefícios que a construção da adutora no Pilões, desde sua inauguração em 1899, trouxe para a região: “A cidade de Santos prosperava, por conta no investimento na saúde pública, que garantiu a redução nas epidemias, doenças, causadoras de milhares de mortes em décadas. A captação da água de Pilões contribuiu para essa melhora.” (PIRES).

Cincinato Braga deixa registrado o valor das terras em questão na seguinte descrição:

Em 1878 ninguém montava nas nossas cidades usinas manufactureiras (sic), de iluminação e de viação urbana movidas à eletricidade. As quedas d'água valiam apenas para monjolo ou para alguma machina de beneficiar café produzido na fazenda. Ellas porem atingem colossaes valores de uns vinte anos a esta parte. O Rio Pilões despenha-se do alto da Serra do Mar, num desnivelamento de cerca de 700 metros de altitude acima do nível do mar, desnivelamento que se opera em cerca de 2 quilômetros apenas de extensão! Reflecta o Collendo (Venerável) Ministro sobre o valor dessa força motriz a poucos quilometros de uma prospera cidade tornada industrial, como é Santos...

Há 30 ou 40 annos, não se podia prever tal valorização.

Mas a utilidade da água como força motriz, é paga a preço muitíssimo inferior ao da água para a alimentação e higiene das cidades!

Para este último fim é que a água sobe a maiores preços. Santos, antes da República era uma aldeia... funerária. Hoje é uma grande, prospera, rica, populosa, salubérrima cidade. Desde quando? Desde seu saneamento, realizado com a água do Rio Pilões. (BRAGA, 1910 *apud* PIRES)

Nota-se, portanto, a importância da área pretendida para instalação da indústria, contendo a linha férrea que fora montada até a adutora para carregamento de cimento e material da sua construção (estrada do Itutinga).

### 3.2 O Sítio Cubatão de Cima

As terras contíguas, o Sítio Cubatão de Cima, que pertencera a Henrique Brunckenn, divididas por uma cerca de pedra (pag.7), marco arqueológico que, infere-se, remonte à época das sesmarias, fora a escolhida para construção dos prédios da fábrica bem como a sua Vila Operária, esta próxima ao Rio das Pedras e ao caminho que na ocasião levava à Estrada do Vergueiro.



Mapa 03: Implantação da Fabril, as marcas sobrepostas denotam a construção subsequente da sede em mesmo local. Fonte: SANTOS, 1940.

As terras também chamadas de Fazenda Itutinga (devido ao Rio das Pedras, que também detinha essa nomenclatura), mais propriamente o Sítio Cubatão de Cima, bem servido de córregos e nascentes, sofreu grande área de desmatamento nas proximidades de sua antiga sede e benfeitorias, como podemos inferir dos documentos analisados na sequência, bem como que a área de implantação contém registros arqueológicos importantes para a configuração e recomposição da história do lugar.

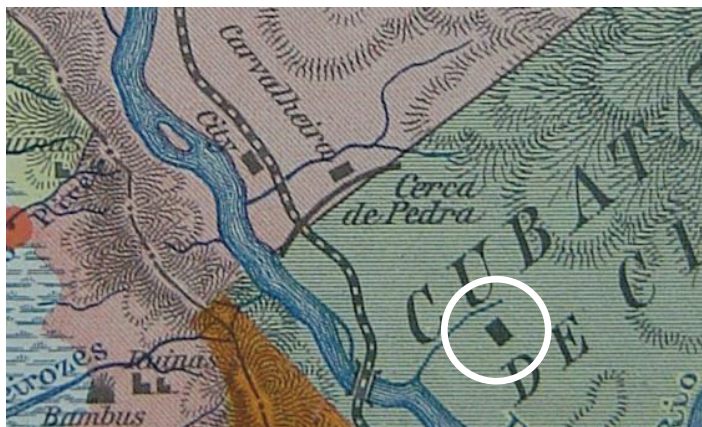
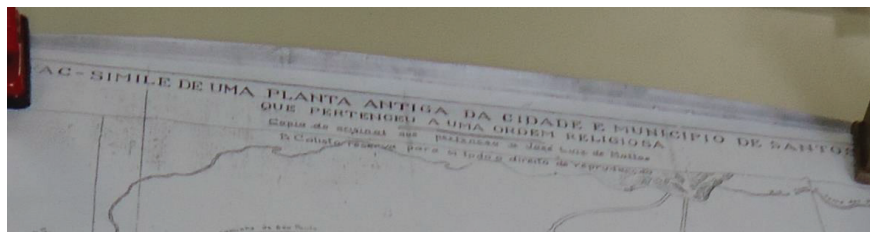




Mapa 04: Sede no Rio das Pedras. Fonte: CALIXTO, 1922

A Cachoeira da Água Branca, citada desde a concessão das Sesmarias por Martim Afonso de Souza, demarca a descida do Rio das Pedras.

Depois das grandes derrocadas sofridas por Caballero e Henrique Brunkenn devido à ocupação de seus mananciais pela City, pois este também fora à bancarrota devido à perda das águas de sua cachoeira que mantinha seu engenho em terras lindas à estrada do Vergueiro, suas terras foram divididas em diversos lotes que mais tarde foram arrematados para instalação da indústria.



Mapa 05: Demarcação de sede à margem direita do córrego da Água Fria, logo após a demarcação deste. Notar a configuração e curva do Rio Cubatão. Fonte: BRAGA, 1910.

Área de interesse devido à posição da sede logo após o Córrego da Água Fria

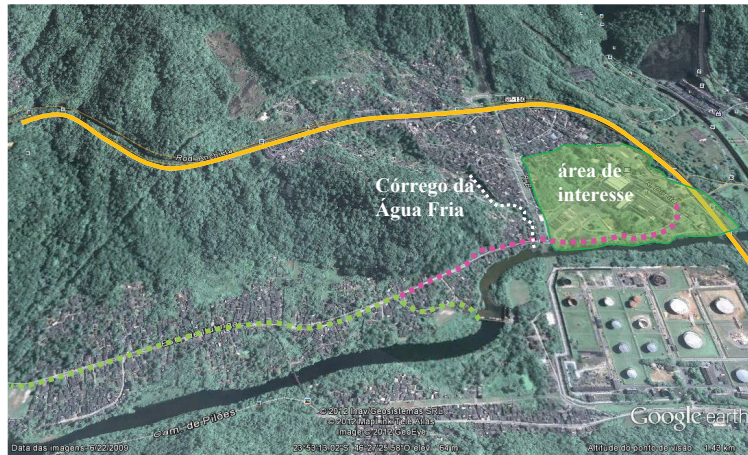


Foto Aérea 01: Disponível em: [www.google.com.br/earth/index.html](http://www.google.com.br/earth/index.html)

Acesso em 08 mar. 2011.

- Rodovia Anchieta
- Implantação da Indústria e Vila Operária (área de interesse)
- Estrada de Itutinga
- Ramal Ferroviário da Companhia Fabril do Cubatão

## 4. INFLUÊNCIA MUNDIAL

Para entender melhor o momento de implantação da Companhia Fabril do Cubatão, torna-se importante voltar os olhos para o momento vivido no Brasil no ano das festividades do Centenário da Independência.

Vários fatores levaram à montagem da Exposição Internacional do Centenário da Independência, inaugurada em 07 de setembro de 1922 na cidade do Rio de Janeiro.

Há poucos anos saídos da Monarquia e orgulhosos da Nova República, onde importado da Europa o sentimento de nacionalismo, reflexo da Primeira Guerra Mundial nos países aliados, as crescentes greves e reclamações trabalhistas, frente à necessidade em mostrar ao mundo um país em pleno crescimento, rejubilante ante os seus intelectuais, a expansão da economia cafeeira, favorecidos pela ferrovia e aumento da exportação dos nossos produtos levaram o país a uma série de intervenções, buscando recuperar e sanear os recantos sórdidos e menos resolvidos da sociedade.

Para nosso interesse, basta convergir a análise para a Exposição Internacional do Centenário da Independência em paralelo às intervenções de Washington Luiz, no Estado de São Paulo, onde convinha, devido ao crescimento da indústria automobilística, recuperar a Estrada do Vergueiro, intensificar o turismo e valorizar as relações da cidade de São Paulo com o Porto de Santos.

O início das intervenções saneadoras de Saturnino de Brito e a captação das águas do Pilões havia transformado a cidade e diminuído a ameaça de

epidemias e outras doenças na Baixada Santista. O saneamento básico e a facilidade de transformar quedas d'água em usinas geradoras de energia elétrica trouxeram industriais interessados em investir na área da baixada.

Grandes investimentos eram feitos nas obras de melhoria da Estrada do Vergueiro, transformando-a no complexo turístico do Caminho do Mar, onde a elite realizava saraus com Oswald de Andrade declamando nos Monumentos da Serra (LEMOS, 1979).

Paralelamente, inaugurava-se a Exposição do Centenário no Rio de Janeiro, com o que havia de melhor nas técnicas de construção e a apresentação de uma arquitetura rica em referências europeias.

O expansionismo da indústria era apresentado nos Pavilhões das Pequenas Indústrias e das Grandes Indústrias, e com orgulho nacional mostrava-se a implantação da Companhia Fabril do Cubatão com o modelo de vila operária europeia, no filme Companhia Fabril do Cubatão exposto no Cine Royal e, dias depois, na Exposição no Rio.

Vemos o paralelo nas características do Neo Colonial nas construções de alguns pavilhões da Exposição e nos Monumentos da Serra, projetados por Victor Dubugras com azulejos de José Wasth Rodrigues, como tentativa de mostrar as raízes da arquitetura brasileira.

Guilherme Wendell, engenheiro contratado por Washington Luiz para as obras do Caminho do Mar, já havia citado em suas notas a importância histórica de vários registros arqueológicos encontrados próximos ao recém-inaugurado Cruzeiro Quinhentista, que demarcava a confluência da Estrada Velha, a Calçada do Lorena construída pelo Real Corpo de Engenheiros por determinação do governador da Capitania de São Paulo, Bernardo José Maria de Lorena (1792), com a Estrada da Maioridade reformulada em 1864 sob o comando do Comendador José Pereira de Campos Vergueiro. Também aí convergia a estradinha de terra em regime de servidão, que ligava o Porto Geral às terras localizadas à margem direita do Rio das Pedras, ou seja, à sede e benfeitorias do Sítio Cubatão de Cima.

É essa a estrada que se vê no filme, a viagem pitoresca aberta em meio à mata nativa da serra, embora modificada posteriormente pode-se reconhecer a região próxima à Av. Bernardo Geisel Filho, ou como a chamamos, a Estrada da Refinaria, até a área de implantação da Indústria, em meio a extensas áreas de bananais e plantações de mexerica.

## 5. OCUPAÇÃO DA SEDE E BENFEITORIAS DO SÍTIO CUBATÃO DE CIMA

A tese da implantação da Indústria em terras antes ocupadas pela sede do Sítio Cubatão de Cima é confirmada pelo artigo da revista *A Cigarra* realizado em conjunto com a película, e publicado na segunda quinzena de setembro de 1922, onde vemos a foto das ruínas do Engenho demarcado no Mapa de Benedito Calixto (pág.13), junto de uma figueira existente ao lado da casa do Diretor Técnico.



Foto 02: Ruínas de um engenho. Fonte: ROCHA, 1922.

Junto à casa de residencia do dr. Lindolpho Freitas, o sympathico director-technico da fabrica (sic), ergue-se altivo um bello exemplar de figueira, que nasceu nas ruínas de um engenho quinhentista, e que alli se perpetua, como relíquia histórica, verdadeiro contraste da industria primitiva com a maravilhosa industria moderna. Um bello parque circunda a residencia do dr. Lindolpho Freitas, que aproveitou com raro gosto as bellezas naturaes e que lhe dão um aspecto encantador. (A CIGARRA, 1922)

O parque existe até hoje, porém a casa do Diretor Técnico foi demolida. Esta havia sido construída em um promontório de onde se podia abranger toda a área de construção da fábrica, abaixo. Provida de toda a infraestrutura da sede do sítio utilizou-se dela durante a fase de mobilização de terra e desmatamento para o início das obras, como plataforma estratégica para sua fiscalização.

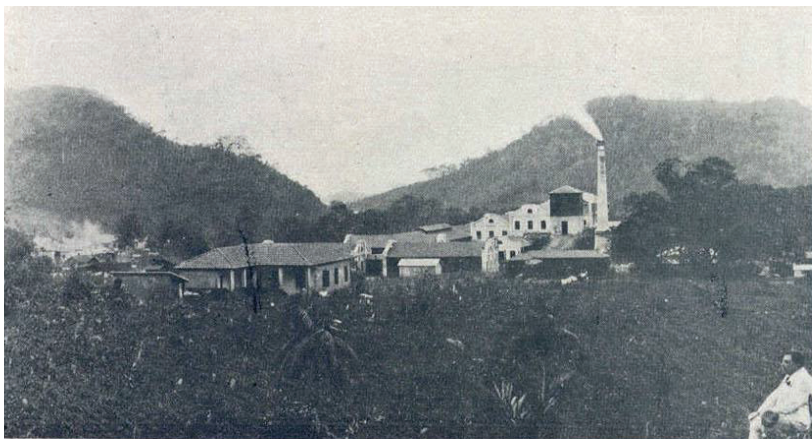


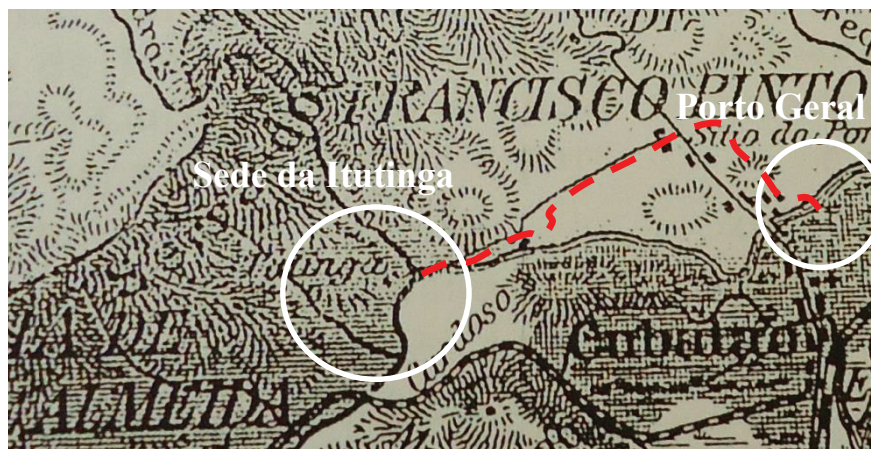
Foto 03: Outra vista da Fábrica, em primeiro plano a casa e residência do diretor técnico. Fonte: ROCHA, 1922.

A grande quantidade de referências mostra os critérios de escolha da área para a construção da sede do Sítio Cubatão de Cima, e depois para a construção da casa do diretor técnico: a existência de uma nascente que ainda se vê, porém hoje circundada em concreto e que fez parte do paisagismo da residência do diretor, a proximidade de dois córregos que poderiam mover as pás da roda do engenho, a localização da casa longe das margens e do poder devastador das inundações do Rio Cubatão. Com a indústria, um deles foi canalizado recebendo material utilizado na fábrica e despejado no rio.

Outra referência interessante, que leva a crer que a construção do engenho deva remontar à Sesmaria de Antonio Rodrigues de Almeida, se encontra na citação do artigo: “Ao alto, uma frondosa figueira, que nasceu e se ergue altiva das ruínas de um engenho quinhentista, por onde passava a primitiva estrada em busca dos campos de Piratininga.” (A CIGARRA, 1922).

Sabe-se que a mudança do Porto das Almadias, no Rio Perequê, de onde saía o Caminho do Pe. José, em direção ao Planalto, para o Porto Geral, onde viria a se desenvolver o derradeiro núcleo de povoamento que deu origem à cidade de Cubatão deveu-se à utilização de novo caminho junto ao Rio das Pedras, anterior à Calçada do Lorena.

A permanência do porto no local denominado Porto Geral deveu-se à existência da infraestrutura e benfeitorias deixadas por Francisco Pinto agregado à largura e calha do rio se lembrarmos que o trecho acima do Cubatão é juncado de ilhas e dunas de areia e encachoeirado mais acima. Para ligá-lo ao Rio das Pedras, era necessário utilizar barcos menores ou abrir trilhas, cujas referências podem-se encontrar no mapa de Cincinato Braga demarcando as sesmarias em 1687 com alusão ao caminho ligando o porto e a sede da Itutinga ou Tutinga.



Mapa 06: Caminho que ligava a Tutinga com o Porto Geral. Fonte: BRAGA, 1910.

Se atentarmos ao mapa utilizado por Cincinato Braga, notaremos que a linha demarcatória do caminho que liga a estrada principal do Vergueiro à Fazenda Itutinga ou Tutinga atravessa o Sítio da Porteira beirando o Rio Cubatão e depois atravessa o Rio das Pedras em direção à sede.



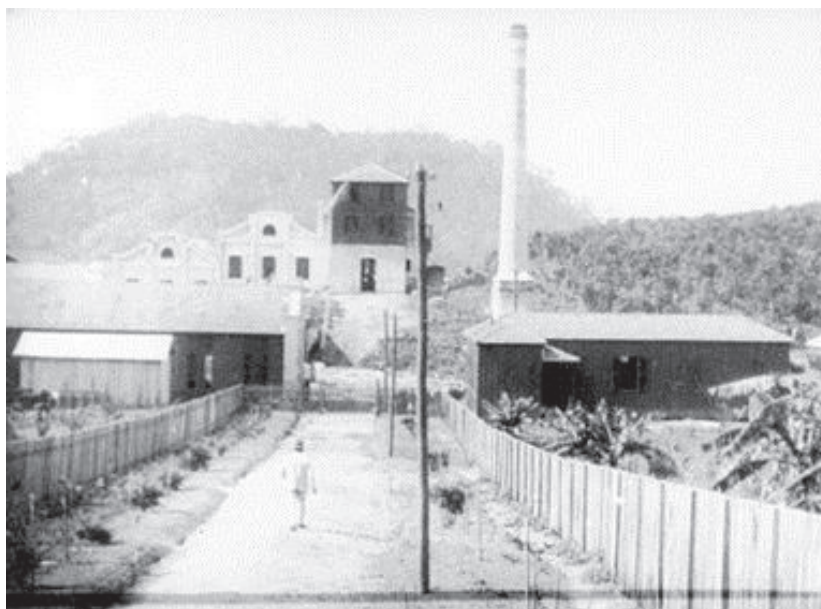


Foto 04: Vista da rua interna em direção à Chaminé e Casa de Caldeiras da Fábrica.

Registro da cinematografia do país na Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil, em documentário feito especialmente para a exposição ocorrida entre 1922 e 1923 na cidade do Rio de Janeiro. Fonte: Cinemateca Brasileira, Secretaria do Audiovisual. Minc. Filmografia Brasileira.

Em setembro de 1922, a Folha da Noite divulga a projeção do Filme Companhia Fabril do Cubatão, criado especialmente para a Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil, antes de sua apresentação, no Rio de Janeiro:

A empresa do Royal, no louvável intuito de proporcionar aos seus habitués a ocasião de assistir a um filme natural tirado na Serra do Cubatão em que há a admirar lindos panoramas, matas virgens, cascatas e cachoeiras, belas perspectivas sobre o Cruzeiro Quinhentista e encantadores efeitos de luz no Rio Cubatão, resolveu exhibir nas suas sessões de sexta-feira próxima o filme Companhia Fabril do Cubatão, que tanto sucesso alcançou quando foi projetado em sessão particular.

As pessoas que por motivo de força maior não puderam assistir àquela sessão, não devem perder esta, pois que aquele filme segue logo para o Rio de Janeiro, onde vai ser exibido na Exposição do Centenário. (Folha da Noite, e. 18 set., 1922, p.2) Disponível em: [www.novomilenio.inf.br](http://www.novomilenio.inf.br).

Se notarmos as fotos da página 14 comparando-as com a da página 18, todas do artigo da Revista *A Cigarra*, que acompanhou o trabalho de montagem do filme Companhia Fabril do Cubatão, poderemos notar a linha reta formada pela rua aberta entre a casa do diretor técnico e a Chaminé e

Casa das Caldeiras da fábrica. A Rua São Paulo indica o trecho dessa via que resultou do crescimento posterior e construção de outros barracões.

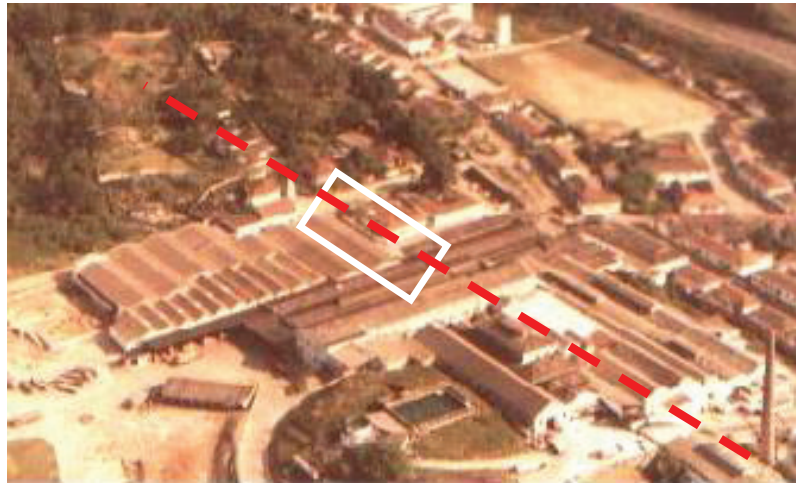


Foto 05: Vista aérea Vila Fabril, Rua São Paulo. Fonte: Arquivo Municipal, 1970.

Nota-se que a implantação se dá em terras onde anteriormente existiu a Sede e benfeitorias da Fazenda Tutunga como mostra a análise dos mapas anexos. A Vila Operária se fixa em frente à Instalação dos prédios da Indústria em direção ao antigo caminho de terra que ligava a Fazenda Tutunga à Estrada do Vergueiro, como registrado no filme da Cia Fabril em 1922, numa época em que ainda não existia a Via Anchieta.

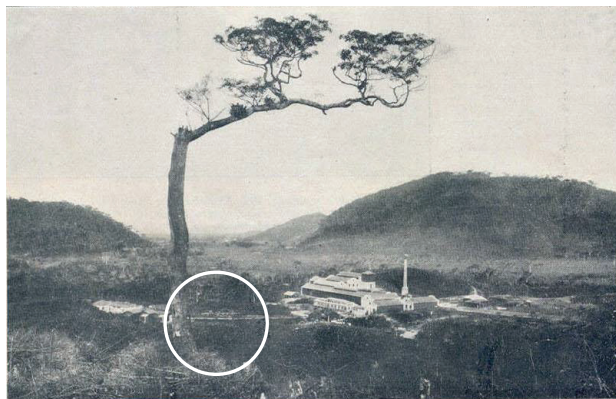


Foto 06: Na extensão da rua é possível identificar a tubulação de esgoto. Fonte: ROCHA, 1922.

Nessa época configura-se, como é possível observar, a construção das casas de operários, em sua fase inicial, no começo da Rua do Clube, remanescente do caminho que levava à antiga sede. A fábrica é interligada à usina fornecedora de energia elétrica, no lugar chamado de Itutinga Pilões, por meio da linha férrea construída pela City of Santos Improvements, quando da montagem da adutora no Rio Pilões, rede de abastecimento da cidade de Santos, para transporte dos materiais de construção e utilizada pelos mo-



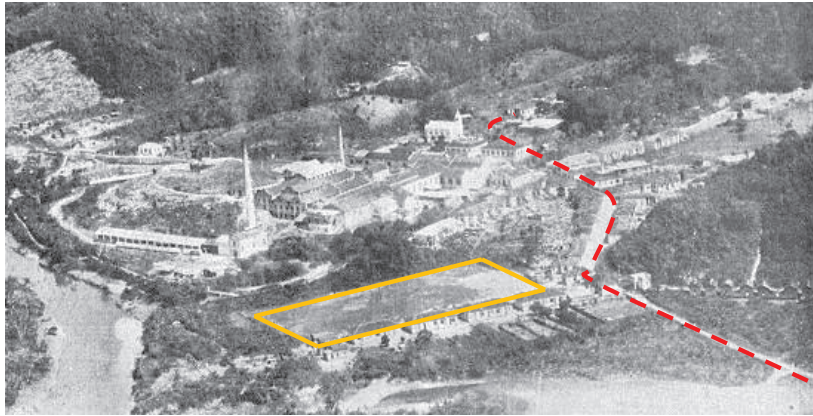
radores da região que era pontilhada de sítios com bananais e plantações de tangerinas e ilustrada por Afonso Schimdt, no livro *A Primeira Viagem*, quando retorna da Europa para o Sítio do Salvador, residência de seus pais.

## 6. A CIA SANTISTA DE PAPEL

A Iª Guerra Mundial já havia causado vários transtornos no funcionamento da Fabril do Cubatão, porém os últimos anos da década de 1920 foram fatais para as indústrias no mundo todo. Infere-se que a Queda da Bolsa em Nova York tenha afetado as finanças da fábrica, pois entrando em falência em 1930 é adquirida em 30 de janeiro de 1932, pelo Banco Comercial do Estado de São Paulo S/A.

Sob o nome de Cia Santista de Papel Sociedade Anônima adquire, por arrematação, dos autos de falência da Cia Fabril de Cubatão, terras da Fazenda Itutinga, compreendendo as duas margens do Rio Cubatão, lotes em São Vicente constituindo bloco de terras todos unidos e as terras compreendidas desde o Rio Pilões até o Rio das Pedras, conforme escritura de compra (documento anexo), e vários outros imóveis em Cubatão e que até os dias de hoje sofreram várias alterações como na época da construção da Via Anchieta na década de 1940.

Está construído no mesmo, ocupando toda a área o depósito da Fallida (sic), junto à Estação de Cubatão, compreendidas as quedas d'água existentes nos Rios que cortam os terrenos descritos, cuja área é superior a mil alqueires de terras. B) Estabelecimento Industrial, propriamente dito com todos os prédios, duas chaminés, caixa d'água, rede elétrica, rede de água, serviço de esgoto, aparelhos e máquinas para a indústria do papel, conforme planta junta aos autos, mais cento e trinta prédios pequenos para a habitação de empregados, escola, farmácias, empórios e outras construções anexas, conforme descrição, digo, construções anexas. Mais a Usina Hydro Elétrica, compreendendo barragem, encaçamento e instalação conforme descrição e numeração devidamente especificado, na barragem através do rio Cubatão. Etc. (Processo 182/2005 Tombamento Vila Operária Companhia Santista de Papel)



Acervo Waldir Rueda Jornal A Tribuna 1939 Edição Especial comemorativa do Centenário de Santos quando Cubatão era Distrito. Foto registrando a Fabril antes da abertura da Rodovia Anchieta. Nota-se à direita, estrada primitiva que interligava a Fazenda Itutinga à Estrada do Vergueiro. Em primeiro plano a fase inicial de construção das casas da Vila Operária depois separada pela Via Anchieta, que na foto se apresenta em início de obras demarcada com a cor laranja. A linha vermelha representa a primeira fase de abertura de ruas iniciando a partir da estrada de acesso que interligava à Estrada do Vergueiro. Disponível em: [www.novomilenio.inf.br](http://www.novomilenio.inf.br).

São componentes da Directoria da Cia. Santista de Papel os srs. drs. Luiz Antonio Fleury de Assumpção, Emmanuel Whitaker e Adolpho Borba, sendo seu gerente geral o dr. Francisco de Paula Vicente de Azevedo, um dos fundadores do estabelecimento em 1919 e que, desde então, tem-no acompanhado em todas as suas fases. (Jornal A Tribuna, 1939)

Trata-se de um estabelecimento fundado em 1919 e que desde então se vem desenvolvendo ininterruptamente, até chegar ao ponto actual de uma das maiores fabricas do Brasil. Com efeito, possuindo 3 machinas continuas para fabricação de papel de todas as qualidades, com uma capacidade diaria de 30 toneladas e todo o indispensavel e complicado aparelhamento de uma industria dessa natureza, além de usina electrica e estrada de ferro propria, grande villa operaria provida de todos os estabelecimentos e installações necessarias, igreja, cinema, salão para divertimentos, campo para esporte, piscina, tudo em terrenos rigorosamente drenados e saneados - de onde a maioria foi definitivamente expulsa - representa esse empreendimento, exclusivamente nacional, um empate de capital superior a duas dezenas de milhares de contos de réis, verdadeiro rasgo de audacia de quem, acima de tudo, visa o progresso e o desenvolvimento de sua terra. (Jornal A Tribuna, 1939)

Francisco de Paula Vicente de Azevedo, o Barão de Bocaina, havia sido diretor da Estrada de Ferro São Paulo – Rio de Janeiro e do Banco Comer-

cial do Estado de São Paulo, seu filho, o Dr. Francisco de Paula Vicente de Azevedo, diretor gerente na fase inicial soube encaminhar a transação da venda no sentido de acompanhar o desenvolvimento da fábrica, continuando como seu Diretor Geral.

Sanado e canalizado o córrego que banhava o local, nota-se a implantação das ruas em formato de cruz percorrendo ao longo dos prédios da fábrica com a área central ocupada pelos prédios de serviços e instituições representados pela Praça da Escola e Praça da Farmácia, rodeada pelos prédios do posto médico e o clube que chegou a ter até cinema, armazém e bar próximos à entrada da Fábrica de forma a manter maior controle sobre as relações sociais no local.

A preocupação na ocupação das casas com fachada voltada para a rua reservando quintais abertos e bem ventilados para o interior da quadra obedecia aos parâmetros requisitados pelo Poder Público no sentido de viabilizar construções com maior salubridade para os trabalhadores, na prevenção de epidemias, e que representavam as tendências de modernização trazidas da Europa como fator preponderante de crescimento econômico e industrialização desenvolvida na criação de Vilas Operárias no final do séc. XIX, na Inglaterra, e trazidos para o Brasil em experiências como a Vila Maria Zélia, em São Paulo, pela Cia Nacional de Tecidos de Juta de Jorge Street projetado em Bradford, no ano de 1912.

No entanto, a construção da Vila Operária Fabril deu-se de forma clandestina até final da década de 1940, quando se dá o início ao processo de legalização, a partir da construção do prédio do Grupo Escolar Sofia Zarzur, em 1946, que depois de embargado devido à falta de licença da Prefeitura de Santos, os responsáveis pela fábrica são obrigados a iniciar a regularização da área.

A Igreja com fortes características inglesas é construída próxima às primeiras construções dedicadas aos principais cargos de chefia na Rua do Bosque. Resultam em chalés muito bem construídos com direito a porão e detalhes de esquadrias, detalhamento do forro em madeira e piso emoldurado de tábuas corridas. Foram construídas próximas ao bosque com nascente. Optou-se por um terreno na área mais alta, centralizado e com possibilidades de maior domínio sobre o local.

A quadra de moradias em frente à Indústria tenta aproveitar ao máximo as fachadas em lotes irregulares e blocos de casas geminadas buscando um melhor aproveitamento do interior da quadra.

Em 1967, por não ser mais permitido a bancos terem indústrias, o controle acionário da empresa foi adquirido pelo grupo Zarzur-Zogbi-Derani, hoje Ripasa. Tínhamos a esperança de que este grupo, embora pequeno na época, pudesse tocar a empresa, mantendo a qualidade do atendimento social que tínhamos, afinal estava acabando de ser implantada a 4ª máquina, e eles tinham celulose própria, o que facilitaria o crescimento, tanto da sua fabriquetta de celulose em Americana, como acabaria com o nosso problema de

matéria-prima. Relato de Romeu Magalhães. (Jornal A Tribuna, 09 abril 1995)  
Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/cubatão/ch067.htm>



**Foto 08: Área de Proteção da Mata remanescente** Fonte: Arquivo Histórico Municipal. 1970.

Nota-se pela foto aérea no item 03 da Rua do Bosque que houve uma farta recuperação da área de desmatamento ocorrida na época de implantação da fábrica, na área do Bosque.

Até a década de 1990, se realizavam Festas Juninas e confraternizações no interior da mesma, onde cada quintal tinha sua cerca própria ficando a área central reservada para uso comum e ligados à rua por passarelas entre os blocos de casas.

## 7. CONCLUSÃO

Considerando “as casas” de Antonio Rodriguez de Almeida: “uma dellas do porto onde têm suas casas direito à serra mais alta, significando a frase na linguagem atual “que a Sede das terras de Antonio Rodriguez de Almeida fica na direção do porto para a Serra mais alta”, sendo que a serra mais alta, segundo mostra a imagem do Google Earth, acesso em 08/03/2012, trata-se do pico escolhido por Billings para a construção dos dutos de descida das águas da Henry Bordem, confirmando a localização próxima ao Sítio Cubatão de Cima.

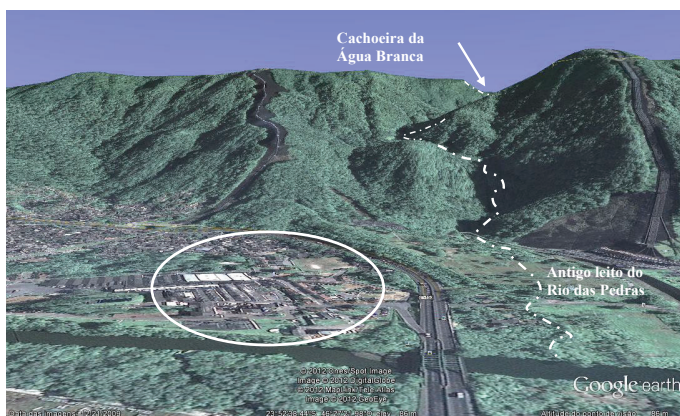


Foto Aérea 03: Localização d a Sede da Itutinga, instalação da Indústria Fabril de Cubatão, antigo leito do Rio das Pedras ao lado da descida dos dutos da Henry Borden. Disponível em: <[www.google.com.br/earth/index.html](http://www.google.com.br/earth/index.html)>. Acesso em: 08 março 2012.

Seguindo-se a expulsão dos jesuítas e confisco dos bens em 1759, pelo Marquês de Pombal, em alvará de 25-02-1761, a Fazenda Cubatão Geral é incorporada ao Patrimônio da Nação, na categoria de próprio nacional.

Em 1786, é feito o desmembramento das terras da Fazenda do Cubatão Geral e o Sargento Mor Antonio Manoel Fernandes da Silva adquire as terras designadas Casa de Pedra, Moenda e Queirós, todas passando a designar Queirozes. Terras essas que segundo Cincinato Braga nunca foram terras devolutas e, segundo deduz, o adquirente constrói um grande Engenho de cana e arroz próximo ao Rio Cubatão e o Rio das Pedras servido de um porto chamado o Cubatão de Cima para não confundir com o Porto do Cubatão Geral, que ligava à estrada geral para São Paulo (BRAGA, 1910).

Porém, convém inquirir sobre a própria designação das propriedades adquiridas inferindo da anterior existência do engenho, caracterizado pela Moenda, também da designação no Mapa reproduzido pelo filho de Benedito Calixto<sup>2</sup>, como Engenho do Irmão Antônio, sendo que essas terras eram há muito designadas de Morro do Monge, também citado por Afonso Schmidt em Os Caborés.

Com o seu falecimento, a viúva Dona Josepha Ferreira Bueno torna-se a herdeira:

Ali por mil oitocentos e trinta e tantos existia lá longe, no chamado Cubatão de Cima, um engenho de cana pertencente a dona Josefa Ferreira Bueno que ali vivia, em companhia de duas filhas moças e alguns escravos. Essa senhora de engenho parece que não poupava os seus pretos. E tanto fez que, uma tarde, eles se revoltaram. Cheios de cólera, abandonaram a senzala e entraram de roldão pela casa grande, prenderam dona Josefa e começaram a torturá-la. Uma das filhas, meio enlouquecida, tomou o caminho de São Vicente, distante algumas léguas, e saiu a correr em busca de auxílio. A outra trepou no fogão e com grande esforço conseguiu

<sup>2</sup> Sizenando Calixto, reproduz a pedido do pai, Benedito Calixto, na ocasião da pintura da tela A Ponte Coberta em 1922, (curiosamente no mesmo ano, quando das anotações do Engenheiro Guilherme Wendell sobre os achados arqueológicos durante as obras do Caminhos Mar) e esclarecendo sobre os reais motivos que o levaram a realizar a tela tendo como suporte o registro de Hercules Florence ao passar por Cubatão, em 1825, data do início da obra do Aterrado durante a Expedição Langsdorf: Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Esse mapa reproduzido de um original de 1852 recebeu posteriormente nova reprodução, porém parcial, destacando a área do Porto Geral e adjacências, feita por Ribeiro, Ribs, para a edição do Romagem Pela Terra dos Andradas, de Costa e Silva Sobrinho em 1957.

esconder-se entre os jacás de toucinho atravessados no fumeiro, onde ficou muito tempo, escapando da cólera dos negros. Quem mais sofreu foi a fazendeira.

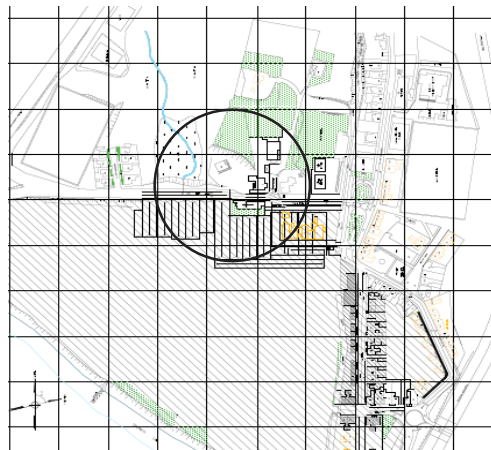
- “Prá qui é que sinhá tem este tronco?” Ela não respondeu; eles amarraram-na no tronco.

- “Prá qui é que sinhá tem este baciaiu?” Ela continuou muda; eles vergastaram-na.

Isso durou parte do dia e a noite inteira. Pela madrugada, a filha voltou de São Vicente acompanhada de soldados e capitães-de-mato. Deram o cerco à fazenda, prenderam os escravos e levaram-nos para a cidade. No entanto, durante a viagem, muitos deles foram degolados. As cabeças foram espetadas em estacas e estas fincadas ao longo do caminho, onde ficaram por muito tempo. Daí, o nome de estrada das Caveiras“.

Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/cubatao/zanzala6.htm>>. Acesso em: 2008.

Quanto à linha de pesquisa indicar a cada passo a confirmação da tese inicial, a busca pelos indícios definitivos de que a área verde confinada e preservada como o bosque remanescente junto ao local de construção da residência do diretor técnico e demolida nas últimas décadas do séc. XX viria a ser a mesma da sede da Tutinga, bem como, anteriormente às casas de Antonio Rodrigues de Almeida, passa a ser uma realidade quando, durante as últimas tomadas fotográficas para o levantamento do inventário não passou despercebida a parede de pedras na lateral da casa próxima à Igreja, normalmente chamada de chácara, devido à sua implantação diferenciada quanto às tipologias de residências estudadas no local.



Mapa 08: Planta utilizada pelo CONDEPAC para análise e adequação para propostas. Fonte: SEPLAN/PMC.

Localização de casa de operário em implantação fora dos critérios usuais na Rua Elias Zarzur. Nota-se por trás um muro de arrimo e a proximidade

com a área do bosque, mais especificamente a área de implantação da casa do diretor técnico da fábrica, hoje demolida.



Foto 09: Rua Elias Zarzur. Fotografia: Virgínia Martins de S. Caram.

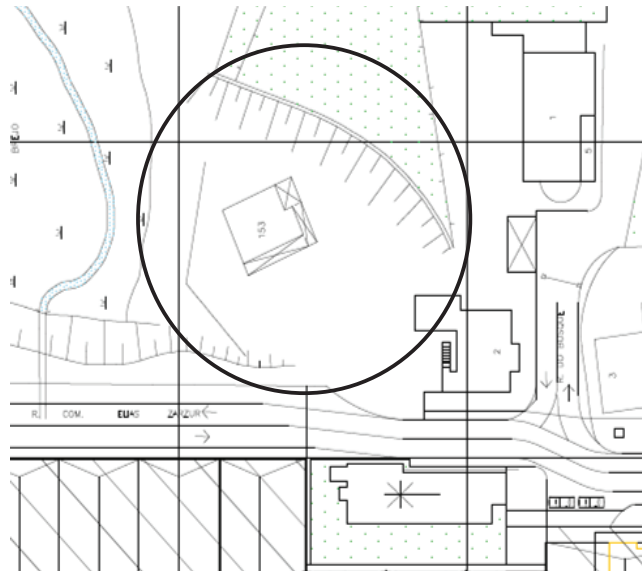
Ao lado o muro em construção, que foi embargado pelo Ministério Público por intervenção do IPHAN, que delimitaria a área de proteção arqueológica e que inclui o grotão e a área do Bosque.



Foto 10: Chácara, casa operária em implantação fora do padrão, todo o calçamento em pedras com construção em alvenaria, próximo à entrada do Bosque.

Fotografia: Cezar Cunha Ferreira, 2005.

Fonte: CONDEPAC.



Mapa 09: Aero 2005. Fonte: SEPLAN/PMC.

Observando novamente a foto de nº 2 à página 14 da Revista *A Cigarra*, colocamos em comparação com os vestígios do antigo engenho citado, chamando a atenção para a topografia do local, onde é visível o barranco por trás das ruínas.



Foto 11: Ampliação de foto. Nota-se pela primeira vez o paredão de pedras na lateral da casa a qual delimitou a área de abrangência desta. O tapume mostra onde estacionou a construção do muro pela empresa. Fotografia: Virgínia Martins de S. Caram, 2012.





Foto 12: Registro iconográfico durante visita técnica dos Conselheiros do CONDEPAC. Fotografia: Virgínia Martins de S. Caram, 2014.



Foto 13: Registro iconográfico durante visita técnica dos Conselheiros do CONDEPAC.

Muro de arrimo do embasamento do Engenho. Fotografia: Virgínia Martins de S. Caram, 2014.



**Foto 14:** Registro iconográfico durante visita técnica dos Conselheiros do CONDEPAC. A árvore cujas ramas cresceram envolvendo uma das colunas. Fotografia: Virgínia Martins de S. Caram, 2014.



Foto 15: Registro iconográfico durante visita técnica dos Conselheiros do CONDEPAC. Fotografia: Virgínia Martins de S. Caram, 2014.

O detalhe e as fotos atestam as colunas existentes na foto de 1922. Como o material levantado na revista *A Cigarra* e guardado desde o início do tombamento era ilegível devido a uma cópia reprográfica de má qualidade, somente a partir do inventário, iniciado em março de 2012, foi possível fazer a correlação dos dados ao ler a matéria na íntegra devido à revista ter passado a ser disponibilizada pelo site do Arquivo do Estado.

O Tombamento foi o procedimento desenvolvido pelo CONDEPAC e encontra-se sob análise no Departamento Jurídico da Prefeitura Municipal de Cubatão. A preservação da área foi possibilitada pela inscrição como Área de Interesse Arqueológico pelo IPHAN e Embargo da construção do muro, pela atuação do Ministério Público a pedido do Conselho de Defesa de Patrimônio Cultural de Cubatão.

O trabalho de pesquisa foi orientado por Francisco Torres, Coordenador da Biblioteca e Arquivo Municipal de Cubatão, na época Coordenador do OTA, que indicou os documentos existentes na Biblioteca relacionados com o local.

A fusão de todas as informações finalmente concluídas, seguindo o raciocínio inicial a partir do texto de Afonso Schmidt, em *Zanzalá, Os Caborés*, a respeito da história da revolta dos escravos e o Engenho do Cubatão de Cima pertencentes à Dona Josepha Ferreira Bueno, com a observação criteriosa do mapa de Francisco Martins dos Santos, demais documentos e as fotos tiradas para o inventário comprovaram a tese anteriormente exposta no *Viagem da Lapa ao Cubatão*.

A descoberta dos vestígios das ruínas do engenho Cubatão de Cima levando em conta registros datados em épocas anteriores à construção da Indústria Fabril de Cubatão vem agregar ao processo argumento e comprovação necessários para sua proteção.

Considerando que as terras referentes à Sesmaria de Antonio Rodrigues de Almeida foram adquiridas em 1556 e descritas em sua Certidão<sup>3</sup> de doação como “para se fazer engenhos no Cubatão”, aliado ao fator acima descrito da localização de sua sede concorde com a localização da sede do Engenho Cubatão de Cima, este registrado no mapa de Benedito Calixto, infere-se da possibilidade deste ser datado desde os primeiros registros de ocupação do território, o que viria a confirmar a alegação existente na Revista *A Cigarra* de 1922: “Junto à casa (...) ergue-se altivo um bello exemplar de figueira, que nasceu nas ruínas de um engenho quinhentista, e que alli se perpetua, como relíquia histórica...”.

<sup>3</sup> Registros de escrituras e documentos disponibilizados por Francisco Rodrigues Torres e Celma S. Pinto. Biblioteca Municipal e Arquivo Histórico “Prof. João Rangel Simões”, em 1992. Fonte: [www.novomilenio.inf.br](http://www.novomilenio.inf.br).

## REFERÊNCIAS

- FERREIRA, Cêzar C.; PASSERANI, Marildo. *Cubatão - a Rainha das Serras*. São Paulo: Editora Noova America, 2005.
- FERREIRA, Cêzar C.; TORRES, Francisco R.; BORGES, Wellington R. *Cubatão - Caminhos da História*. Cubatão: Ed. do Autor, 2007.
- LE MOS, Carlos A. C. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- ROCHA, Sá. Fábrica de Papel, Companhia Fabril de Cubatão. *Revista A Cigarra*, São Paulo, n.192, p.11-18, 22 set., 1922. Disponível em: <http://www.arquivodoestado.sp.gov.br/upload/revistas/CI129209192.pdf>. Acesso em: 22 mai.2012.
- SCHMIDT, Afonso. *O Menino Felipe*. São Paulo: Clube do Livro, 1957.
- SCHMIDT, Afonso. *Zanzalá, Os Caborés*. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/cubatao/zanzala6.htm>>. Acesso em: 2008
- SOBRINHO, Costa e S. *Romagem pela terra dos Andradas*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1957.
- SOUZA PINTO, Celma de. *Cubatão – História de uma Cidade Industrial*. São Paulo: Modelo, 2005.
- BRAGA, Cincinato. *Processo Verdades Contra Calunnias*. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1910.

## Monografias

- ANDRADE, Wilma Therezinha F. *Antologia Cubatense – Seleção e Organização*. Santos: não editado, 2005.
- PIRES, F. A. *A Caminho da Cachoeira dos Pilões*. Santos: não editado, 2005.
- TORRES, Francisco R. *A Fazenda Geral dos Jesuítas e o Monopólio da Passagem do Cubatão - 1553-1748*. São Paulo: 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06042009-155858/pt-br.php>>
- TREVISAN, Ângela F. *Casa Branca A Povoação dos Ilhéus*. São Paulo: não editado, 1979.

## Mapas

- CASTILHO, José. *Município de Santos*. Complemento a SANTOS, Francisco M. *A História de Santos*. Santos: Edição Martins dos Santos, 1940.
- CALIXTO, Benedito. *Fac-símile de uma planta antiga da cidade e Município de Santos que pertenceu a uma ordem religiosa*, Santos: 1922. Fonte: Arquivo Histórico de Cubatão
- RIBEIRO, Ribs. *O Cubatão em 1852*. SOBRINHO, Costa e S.. *Romagem pela terra dos Andradas*. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1957.
- FERREIRA, Cêzar C. *As Primeiras Sesmarias do Brasil e os Antigos Caminhos de Transposição da Serra do Mar*. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br>>